

FORÇOSAS INTERAÇÕES E CONEXÕES: DO PRESENCIAL AO VIRTUAL

Ana Kelly Borba da Silva Brustolin¹

Mestra, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Florianópolis, Santa Catarina

anakellybrustolin@gmail.com

RESUMO: É indispensável concebermos que a escola crie possibilidades aos alunos, construindo práticas leitoras que viabilizem leitores críticos, participativos, e capazes de encarar as imposições e as contradições da sociedade em que vivem, como mencionam Orlandi (1999) e Antunes (2009). A discussão deste versa sobre um relato de experiência em época de pandemia causada pela Covid-19, em que se realizaram aulas virtuais *on-line* e propôs-se aos estudantes de 8º ano do Ensino Fundamental, da Rede Privada, a escrita de *Soneto*, com a temática “Coronavírus”. Para tanto, buscaram-se a escolha de leitura de textos poéticos, a audição de músicas, e reflexões a fim de dialogar com o horizonte de expectativas do leitor e a análise literária dessas permitindo ao educando, construir sentidos para o texto com base em suas vivências, nas leituras realizadas em sala (e fora dela), na interação com as obras, os amigos, os familiares em casa e o professor – visto que se considera o estudante como um sujeito interativo e ativo na sua caminhada de construção de conhecimento e o educador um sujeito mais experiente, cujo papel é substancial nesse processo (VIGOTSKI, 1998). No que toca aos resultados observados na presente prática de ensino, os alunos aguçaram o gosto pela leitura e formaram vínculos mais estreitos entre o texto e outros textos, “construindo referências sobre o funcionamento da literatura e entre esta e o conjunto cultural” (BRASIL, 1998, p. 71), além de trabalhar com as TDICs, tanto na escrita quanto na oralidade. (GERALDI, 1993; FREIRE, 2009; BRASIL, 2018).

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Língua. Educação Básica. Coronavírus.

ABSTRACT: It is indispensable to conceive that the school creates possibilities for the students, building reading practices that enable critical and participative readers, capable of facing the impositions and contradictions of the society in which they live, as mentioned by Orlandi (1999) and Antunes (2009). The discussion here is about an experience report at the time of the pandemic caused by Covid-19, in which virtual on-line classes were held and the writing of a sonnet with the theme "Coronavirus" was proposed to 8th grade students from a private school. To this end, we sought the choice of reading poetic texts, listening to music, and reflections in order to dialogue with the reader's horizon of expectations and literary analysis of these enabling the student to construct meaning for the text based on his experiences, on the readings performed in the classroom (and outside of it), in the interaction with the works, friends, family at home, and the teacher - since we consider the student to be an interactive and active

¹ Mestra em Linguística (UFSC/2009), professora do Colégio Energia/Florianópolis, pesquisadora (Varsul-UFSC) e colunista do Jornal OCP News. (<http://lattes.cnpq.br/6815269231999996>)

subject in his/her journey of knowledge construction and the educator a more experienced subject, whose role is substantial in this process (VIGOTSKI, 1998). Regarding the results observed in the present teaching practice, students sharpened their taste for reading and formed closer links between the text and other texts, "building references about the functioning of literature and between it and the cultural set" (BRASIL, 1998, p. 71), besides working with DICTs, both in writing and orality. (GERALDI, 1993; FREIRE, 2009; BRASIL, 2018).

KEYWORDS : Language teaching. Basic education. Coronavirus

INTRODUÇÃO

Algumas das grandes mudanças no ensino de português envolvendo as Tecnologias digitais de Informação e Comunicação (doravante TDICs) só aconteceram nas últimas décadas e, muitas delas, por força de políticas públicas e por interesses econômicos. A socialização deste relato de experiência (em processo) em época de pandemia, causada pela Covid-19, objetiva dialogar, refletir e contribuir com os docentes envolvidos no processo e com os pesquisadores nesses estudos acadêmicos, contextualizando a história para a construção de bases teóricas referentes às pesquisas nessa temática.

As transformações sociais, econômicas e culturais são razões que influenciam o sistema de ensino e ao professor compete a ação de acompanhar tais mudanças dentro e fora da sala de aula, adaptando-se às novas conjecturas. Recentemente, vivenciamos um momento atípico originado pela pandemia do coronavírus e presenciamos um grande movimento em torno do ensino escolar no que tange ao desenvolvimento tecnológico para a possível realização das interações em sala de aula, com destaque para as TDICs, uma vez que as respostas já não mais estão dadas, e sim os questionamentos sobre: o que fazer? De que modo? Até quando?

Todavia, o cenário atual mostra-se carente de referenciais estruturados e equânimes, sobressaindo-se a insegurança quanto aos encaminhamentos futuros nos sistemas públicos e privados de ensino. Cada Instituição cria suas próprias diretrizes e não há uma normatização comum em relação ao como proceder, de modo geral, à coletividade que envolve as escolas, no sentido de oferecer um norte. As escolas seguem suas atividades, sugerindo gravações de aulas, envio de atividades escritas via ferramenta da sua escolha, ministrando aula *on-line* ao

vivo e em período integral de aula, entre outras condutas. Assim, seguem somando horas-aula para totalizar as 800 h/a correspondentes ao ano letivo a fim de cumprirem com sua obrigação legal – e no caso das instituições privadas, soma-se a justificativa das mensalidades, porém sem a harmonia necessária sob responsabilidade do Poder Público, a quem compete deliberar sobre os procedimentos a serem observados pelo sistema educacional do Brasil, contrapondo-se à movimentação, ao esforço e ao dinamismo da classe docente.

O Artigo 24 da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 regulamenta que as escolas, no Brasil, devem cumprir pelo menos 200 dias letivos anuais, distribuídos em dois semestres, totalizando, no mínimo, 800 horas, ou seja, 48.000 minutos:

Artigo 24 da Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996

Art. 24. A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:

I - a carga horária mínima anual será de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver;

I - a carga horária mínima anual será de oitocentas horas para o ensino fundamental e para o ensino médio, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver; (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017). (BRASIL, 1996)

No dia 1º de abril, foi publicada no Diário Oficial da União (DOU) a Medida Provisória (MP) 934/2020, segundo a qual, diante da situação de calamidade pública pela qual passa o país, todas as redes de educação básica ficam desobrigadas de cumprir o mínimo de 200 dias de efetivo trabalho escolar como lemos no texto da referida Lei de Diretrizes e Bases (LDB) acima citado, desde que cumprida a carga horária mínima anual de 800 horas ou a estabelecida pelos respectivos sistemas de ensino. Nesse ínterim, até o presente momento, final de junho, não há, ainda, diretrizes para o cumprimento legal dessas horas, o que abre espaço para que cada Instituição programe suas horas-aula e atividades e que, aparentemente, gera esse sentimento de desalinho e imprecisão.

Antes da pandemia, esse possível avanço do trabalho com as TDICs, muitas vezes, não era aproveitado e sequer aplicado em termos de melhoria na qualidade da educação e no processo de ensino aprendizagem. Para Libâneo (2007), as TDICs se mostram cada vez mais

presentes no cotidiano escolar. Contudo, grande parte dos professores, especialmente, da rede pública de ensino no Brasil ainda usa (somente) a metodologia tradicional em sala de aula, como, por exemplo, a apostila ou o livro didático, quadro negro ou branco e giz ou canetão. E por quê? Porque muitas escolas da rede pública não contam sequer com internet e computadores ou laboratório de informática para os alunos. Por esse motivo, os desafios estão sendo enormes na condução de um processo de ensino aprendizagem que se “origina” do dia para a noite, com agilidade e qualidade, sem levar em conta as condições materiais dos envolvidos (computador, internet, espaço, tempo e outros) e, tampouco, as condições físicas e psíquicas.

De acordo com a experiência de docência em sala de aula há, aproximadamente, 20 anos, a não utilização das TDICs, até então, pode ser atribuída à falta de (i) formação dos professores, (ii) infraestrutura escolar, (iii) políticas públicas (incluem-se a falta de valorização salarial e moral dos docentes).

Incorporar as TDICs não significa apenas oferecê-las às escolas, mas organizar o processo e o uso destas, seguido de acompanhamento, orientação e capacitação dos profissionais envolvidos, sobretudo dos professores, como também da sua adequada utilização, porque estas não podem ser usadas de modo desordenado e desorientado, visto vez que não substituem a aula expositivo-dialogada. Nesse sentido, o docente atuará como mediador e agente desse processo de ensino aprendizagem e, portanto, para que a ação aconteça o professor precisa estar seguro, bem preparado e orientado no sentido de criar um ambiente interdisciplinar que suscite nos alunos habilidades como autonomia, responsabilidade, criatividade e curiosidade, a fim de levá-los a novas descobertas.

Nesse contexto, há que se olhar sensivelmente para os alunos desta era tecnológica, uma vez que eles vivenciam uma estreita ligação com diversas ferramentas tecnológicas e as linguagens referentes a essa relação. Vigotski (1998) nos trouxe uma concepção de aprendizagem contextualizada com o meio social, isto é, passaram-se a conceber ideias relativas ao ensino aprendizagem com base em uma relação direta entre desenvolvimento e aprendizagem e o ambiente histórico-social em que se vivencia tal interação.

Desse modo, neste contexto, destaca-se que incorporar as TDICs na educação não se trata de usá-las só como meio ou suporte para promoção de aprendizagens ou para despertar o interesse dos alunos, mas sim de empregá-las juntamente com os estudantes a fim de que docentes e discentes possam construir conhecimentos “por meio de” e “sobre” o uso dessas TDICs, enriquecendo as possibilidades de interação na sala de aula presencial e/ou virtual. Essa realidade de ensino possibilita que os envolvidos no processo – professor/aluno ou aluno/aluno – partilhem da prática socioeducativa e da produção do conhecimento em rede digital. Nessa linha, Moran discorre (2007, p. 26) que “os processos de conhecimento dependem profundamente do social, do ambiente onde vivemos, dos grupos com os quais nos relacionamos. A cultura onde mergulhamos interfere em algumas dimensões da nossa percepção”. Nesse sentido, defende-se, neste relato, que desenvolvimento e aprendizagem relacionam-se diretamente com o ambiente histórico-social em que se vivencia a interação.

O modo como o pensamento desses sujeitos se constitui está carregado de referências formatos e substâncias vindos da TIDCs. Na linha de Vigotski (1978), o professor tem o papel de interagir com os alunos, atuando no que se denomina, *zonas de desenvolvimento proximal*. Nesse caso, o estudante não é somente o sujeito da aprendizagem, mas aquele que aprende na interação com o outro e com o que seu grupo social produz. Em outras palavras, a proposta pedagógica sociointeracionista refere-se a uma abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano. Sobre esse assunto observamos que:

Cada função no desenvolvimento cultural de uma criança aparece duas vezes: primeiro no nível social e mais tarde, no nível individual, primeiro entre pessoas (interpsicológico) e depois dentro da criança (intrapicológico). Isso se aplica igualmente a toda atenção voluntária, à memória, à formação de conceitos. Todas as ações mentais superiores se originam como relações reais entre pessoas. (VIGOTSKI, 1978, p. 57).

Portanto, destaca-se a presença de um arcabouço histórico que antecede as situações de aprendizagem. Assim sendo, no atual contexto histórico social do novo coronavírus o professor precisa levar em conta o conhecimento que ele tem sobre determinado assunto, o planejamento dos conteúdos para a nova relação de interação social mediada pelas TDICs a distância e as metodologias que cada docente utilizará em suas salas de aula virtuais.

A MÃO NA MASSA E NAS TECLAS... “O PROCESSO EM SALA DE AULA VIRTUAL”

Considera-se que a escola tem como um de seus papéis fundamentais a formação do indivíduo leitor, visto que ela ocupa o espaço fundamental de acesso à leitura. Deste modo, é indispensável concebermos que este lugar crie possibilidades aos alunos, construindo práticas leitoras que viabilizem leitores críticos, participativos, que sejam capazes de encarar as imposições e as contradições da sociedade em que vivam. Sociedade esta que se insere em um contexto histórico, social e cultural no qual a linguagem permeia de maneiras variadas, como mencionam Orlandi (1999) e Antunes (2009).

A discussão central deste, conforme já dito, versa sobre um relato de experiência em época de pandemia causada pela Covid-19, em que se realizaram aulas virtuais *on-line* e propôs-se aos estudantes de 8º ano do Ensino Fundamental, de Escola da Rede Privada de Ensino, a escrita de texto *Soneto*, com base na temática “Coronavírus”. Para tanto, buscaram-se a leitura do material didático (PEREIRA; MARINHO, 2020), a escolha de leitura de textos poéticos, a audição de músicas, como, por exemplo, MPB, e reflexões de tais obras a fim de dialogar com o horizonte de expectativas do leitor e a análise literária dessas permitindo ao educando, do 8º ano do Ensino Fundamental, construir sentidos para o texto com base em suas vivências, nas leituras realizadas em sala (e fora dela), na interação com as obras, os amigos, os familiares em casa e o professor – visto que se considera o estudante como um sujeito interativo e ativo na sua caminhada de construção de conhecimento e o educador um sujeito mais experiente, cujo papel é fundamental nesse processo.

Concebe-se essencial estimular o prazer pela leitura e escrita, a fim de instigar a criação, a imaginação, o prazer e o exercício para a promoção das habilidades de leitura e escritura textuais. No sentido de interagir em sala de aula – presencial e/ou virtual –, entram em voga os aspectos social e cognitivo, por meio dos quais o papel da linguagem e do processo histórico social no desenvolvimento do indivíduo ganham destaque e permitem a

reflexão a respeito dos processos de interação apropriados à proposta de aprendizagem em ambiente virtual – que se caracteriza pela sala de aula *on-line*. Assim:

Conceber o texto como unidade de ensino/aprendizagem é entendê-lo como um lugar de entrada para este diálogo com outros textos, que remetem a textos passados e que farão surgir textos futuros. Conceber o aluno como produtor de textos é concebê-lo como participante ativo deste diálogo contínuo: com textos e com leitores. (GERALDI, 1997, p. 22)

Ressalta-se que este ambiente virtual é formado por interfaces ou ferramentas próprias para a construção da interatividade e da aprendizagem, acomodando o planejamento do professor com a prévia organização de conteúdos e atividades, bem como acolhendo a relação dos agentes atuantes no processo: alunos e professor, tanto individualmente quanto colaborativamente.

Isto posto, esta proposta de aula visou ampliar as oportunidades linguísticas, culturais e socioemocionais dos alunos com base na escrita e leitura em meio a um contexto singular: a pandemia 2020, causada pela Covid-19, ou coronavírus. Trabalharam-se com a arte da palavra e da imagem, com a poesia e a música, na sala de aula virtual, ancorados no deleite promovido pela leitura e audição das composições e produções de poetas consagrados como Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Toquinho, Manuel Bandeira e outros.

Assim, o resultado da escrita dos textos, proporcionou a reunião em uma coletânea que originou – mesmo a distância – uma obra: “Sonetos como Alimentos” – obra esta que teve em vista uma oportunidade de proporcionar aos alunos uma visão mais abrangente do mundo da leitura e da escrita, a fim de sentirem-se poetas de verdade, “empoderados” pela escrita e pelo texto, vivenciando e experimentando o texto e as posições de “autor” e “leitor” proporcionadas por ele, além de poder saborear e sentir as diversas possibilidades de criar e imaginar, apesar do caos.

É imprescindível trabalharmos com desafios; indicarmos atividades, leituras e discussões que instiguem os alunos a criarem e terem curiosidade para buscar informações e conhecimentos que os rodeiam e, conseqüentemente, rodeiam o mundo.

Conforme Geraldi (1993), o primeiro ponto levantado para uma aula de leitura deve ser: *para que se lê o que se lê?* A resposta a esse questionamento, ratifica a incoerência

existente em muitas aulas, hoje, de língua portuguesa, visto que os alunos, leitores e, portanto, “interlocutores, leem para atender a legitimação social da leitura externamente constituída fora do processo em que estão, eles, leitores/alunos, engajados” (1993, p. 169). Portanto, a ação pedagógica tem de buscar atitudes produtivas nas leituras realizadas em cada aula, embora estabeleçam-se finalidades diversas para estas.

Deseja-se que essa sementinha plantada neste período brote e dê muitos frutos e que “nossos poetas” e leitores agucem seus olhares diante da vida tornando-a poesia, tanto nos momentos bons quanto nos difíceis!

Atualmente, portanto, conhecimentos a respeito de literatura parecem apresentar um valor maior do que a experiência, de fato, com o texto e com o que ele pode provocar. Assim sendo, a leitura de literatura, em geral, torna-se limitada a trechos de obras ditas consagradas, trazidas pelo livro didático – um bom apoio para o professor, no entanto não a única opção deste, por essa razão o intuito de experimentar uma prática diferenciada com a literatura.

Com a intenção de aproximarmos do objetivo real do ensino de literatura – formar leitores – faz-se basilar proporcionar um letramento literário aos estudantes. Para tanto, é essencial a realização da leitura de obras literárias por parte do docente, em especial a que ele deseja abordar em sala, uma vez que, apenas, deste modo, poderá conversar, criticar, discorrer e construir sentidos para tais obras junto aos seus alunos.

Orlandi (1999, p. 83) menciona que o discurso não é fechado em si mesmo “e nem é do domínio exclusivo do locutor: aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do que se diz, para quem se diz, em relação a outros discursos”; o que significa que o sujeito não tem domínio completo a respeito do sentido do seu discurso, visto que ele é construído social histórica-ideologicamente na relação locutor-interlocutor. Antunes (2007) traz que:

o funcionamento das línguas é uma atividade interativa, entres dois ou mais interlocutores, que se realiza sob a forma de textos orais ou escritos, veiculados em diferentes suportes, com diferentes propósitos comunicativos, e em conformidade com fatores socioculturais e contextuais (p. 146)

Para que se efetive um trabalho crítico e interativo com o texto na sala de aula é basal que os alunos tenham acesso à leitura deste, na íntegra, bem como tenham liberdade para discutir sobre suas impressões e leituras com os colegas e com o professor tornando-se sujeitos críticos e ativos no ambiente em que estão inseridos, seja ele presencial ou virtual. E, ainda, para que o aprendizado se estabeleça ele precisa ser previamente organizado – pelo professor, por exemplo, uma vez que na relação de interação com os alunos é o agente mais experiente e possui o conhecimento específico para mediar o caminho aos variados saberes. Assim, em concordância com Vigotski (1998, p. 101), o aprendizado “adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer”.

Deste modo, a fim de que os alunos do 8º ano, do Ensino Fundamental, construíssem um texto com base na literatura abordada em sala, propôs-se o trabalho com a leitura, escrita, oralidade e a literatura, da maneira como se descreve a seguir.

Primeiramente, os alunos estudaram sobre texto em verso e em prosa, linguagem denotativa e conotativa, verbal e não verbal, com base em leituras, exercícios e produções variadas. Posteriormente, os alunos estudaram a respeito de Haicais, produzindo seus próprios textos poéticos. Após, debateram acerca da temática trazida no material didático: *Literatura tem idade?* E foram convidados a assistirem às videoaulas produzidas pela professora de sala, com a possibilidade de interação virtual *on-line* ao vivo em aulas de assistência da disciplina ofertadas pela escola. Depois, conheceram e ouviram um pouco de Música Popular Brasileira (MPB) e da sua história. A professora destacou a atuação de Vinicius de Moraes, conhecido por ter marcado a história da música brasileira, e composto diversas músicas e, também, contou sobre a parceria entre Toquinho, Baden Powell, João Gilberto, Chico Buarque, Carlos Lyra, Tom Jobim, e outros.

Isto feito, seguiu-se com a leitura de diversos Sonetos de Vinicius de Moraes, da obra *Nova Antologia Poética* (2005) e do conhecido Soneto de Luís Vaz de Camões “Amor é fogo que arde sem se ver”, trazido no material didático da turma.

Posteriormente, houve um momento de conversa entre a professora e os alunos sobre o que é um texto poético, um soneto, versos, estrofes, metáforas e uma reflexão a respeito da

situação a qual estamos vivenciando. Foram visualizados em tempo real para todos, por meio do compartilhamento de tela da ferramenta *Teams* adotada pela escola (i) um vídeo em sala, (ii) clipes e audições de músicas MPB e, após, abriram-se comentários para a turma realizar leitura, socialização e reflexão sobre o assunto.

Em outro momento realizou-se a audição, acompanhada das letras de músicas populares brasileiras, as quais se destacam os compositores e cantores: Toquinho, Baden Powell, João Gilberto, Chico Buarque, Carlos Lyra e Tom Jobim, e realizou-se, ainda, uma roda de conversa virtual ao vivo a respeito das canções.

De acordo com Paulo Freire (2009) e Geraldi (1993), o texto se apresenta como um caminho para a construção de sentidos, daí reside a importância de se trabalhar com textos variados em sala de aula uma vez que estes permitem ao aluno lidar com uma realidade social e com os diversos significados constituídos pelas diversas leituras realizadas até então.

Ressalta-se que, na concepção da docente, a capacidade para aprender liga-se ao contexto pessoal do aluno. De tal modo, Lajolo (2002) assegura que cada leitor, entrelaça o significado pessoal de suas leituras de mundo, com os variados sentidos que encontrou ao longo da história de uma obra, por exemplo.

Na linha dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, é importante que o aluno possa:

estabelecer vínculos cada vez mais estreitos entre o texto e outros textos, construindo referências sobre o funcionamento da literatura e entre esta e o conjunto cultural: da leitura circunscrita à experiência possível ao aluno naquele momento, para a leitura mais histórica por meio da incorporação de outros elementos, que o aluno venha a descobrir ou perceber com a mediação do professor ou de outro leitor (BRASIL, 1998, p. 71)

Percebe-se, desta maneira, que os estudantes devem estar inseridos em um determinado contexto educacional onde o letramento literário é compreendido como possibilidades que os sujeitos têm de participar de modo efetivo de práticas sociais variadas.

Observa-se indispensável, desse modo, que haja na sala de aula, tanto presencial quanto virtual, uma abertura de espaço para leitura e estudo calcado em uma multiplicidade

de textos, em suportes distintos e não apenas em livros didáticos, além do enfoque e da experiência da leitura do texto literário canônico.

Quanto à produção escrita, esta requer um momento no qual os alunos possam tomar os textos, escrevendo-os e não apenas como uma mera ferramenta de aferição às regras gramaticais ou coisa do gênero. Quando tomamos posicionamento em nossos discursos, estamos nos constituindo como sujeitos e tornando-nos cidadãos ativos e críticos – integrando a humanidade. A própria

consciência dos sujeitos forma-se neste universo de discurso e é deles que cada um extrai, em função das interlocuções de que vai participando, um amplo sistema de referências no qual, interpretando os recursos expressivos, constrói sua compreensão do mundo (GERALDI, 1993, p. 31).

Chegou-se, então, ao momento da aula de produção e lançou-se a semente para colherem-se os frutos. Finalmente, sugeriu-se aos estudantes a proposta de uma escrita poética: um “Soneto”.

Nesse ínterim, solicitou-se aos discentes a produção escrita de um Soneto com a temática abarcada pelo “pano de fundo” referente à situação atual em que vivemos: *coronavírus*, podendo relacionar a pandemia 2020 aos variados temas que a ela se ligam, como: crianças, educação, professores, família, meio ambiente/natureza, perdas, ações solidárias, música, arte, transformação, cotidiano.

Na ocasião, evidenciou-se o trabalho com a escrita importante para o período peculiar no qual estamos imersos, pois com liberdade e autonomia, podemos expressar e organizar as emoções por meio do exercício de (i) imaginação, e o quanto nós, seres humanos, temos, dentro de nós, muitas possibilidades de transformação, tanto no sentido alegórico quanto no sentido real de alteração do ritmo de vida; e (ii) o quanto conserva-se da gente nas fases de transformação, por mais bruscas que pareçam ser.

Inicialmente, alguns estudantes demonstravam, na aula virtual, em suas expressões e comentários que a escrita de Sonetos era “interessante”, “diferente”, “bonita”, “poética” e até “difícil...” Mas, durante a escrita do texto, os alunos sentiram “a dor” de pensar e elaborar seus textos... e comentaram com a professora (principalmente na aula de assistência, no

contraturno). Muitos sentiram-se, inicialmente, inseguros, mal e “sem ideia” já, outros, animaram-se e empolgaram-se com o texto. Aos poucos, a poesia tomou conta dos sujeitos... E os textos foram surgindo como asas libertadoras, querendo alçar voos longínquos para além do isolamento social e das telas.

A escrita dos textos dos alunos ficou primorosa e fecunda, sendo muito gratificante ler e ouvi-los ler a respeito das suas próprias histórias – seus medos e anseios. Após a entrega oficial dos textos, realizou-se um “Sarau Literário Virtual” para a socialização das leituras dos sonetos.

Uma experiência frutífera e produtiva para ambas as partes envolvidas². No entanto, sem pretensões de chegar a um objetivo final, expande-se o discurso esperando-se a possibilidade de realizarem-se novas produções e reflexões acerca “do criar”, pois “numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo e com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo, giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo”. (VINICIUS DE MORAES; TOQUINHO; MOURA; 1983³).

REFLEXÕES FINAIS... (EM ANDAMENTO)

Já me questionei muito (e imagino que vocês também) a respeito dessa maneira peculiar de ensinar e aprender e de realizar trocas. Avalio que encontramos o equilíbrio estando em movimento e, neste caso, todos buscamos meios de acertar a melhor alternativa para interagir com os alunos e os saberes, tanto no ensino presencial quanto no virtual. Daqui um tempo, analisar-se-ão as metodologias e vivências do período de pandemia 2020, no qual forçosamente fomos impostos a estabelecer interações e conexões virtuais para seguirmos o ano letivo de alguma maneira. Poder-se-ão até inferir que agimos errado, todavia estamos tentando agir e seguir em frente, apesar dos pesares, e corremos o risco de acertar em alguns

² Ao final do processo de escrita e leitura dos textos foi realizada uma exposição dos textos à comunidade escolar, na rede social da escola: <https://www.instagram.com/p/CCZTIIICAQnp/>.

³ FERNANDES, Camila. *Conheça a história da música Aquarela*, de Toquinho. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/blog/historia-musica-aquarela/>. Acesso em 25 de junho de 2020, às 20 horas.

aspectos. No que toca à vivência de sala de aula, costumamos dizer aos alunos que aprendemos muito com os erros também, ou seja, tentar sempre; desistir jamais!

Então, interação na educação a distância é, hoje, necessária? Sim. E tem ajudado muito a nos mantermos conectados e em um ritmo de aprendizagem. Se tem aluno que está “mutado” e não vai assistir à aula? Tem. Contudo, a aula está sendo ministrada e, muitas vezes, o aluno também fica “mutado” em sala, apesar da presença física. Responsabilidade e autonomia são características necessárias para as aulas presenciais e *on-line*, e devemos considerar a parcela que nos cabe e a que cabe às famílias e aos alunos. A sala de aula virtual ou ambiente virtual tem favorecido, indubitavelmente, as interações entre professor/aluno; aluno/aluno; aluno/hipertexto na recente conjuntura.

Assim, as TIDCs estão submersas no contexto sociocultural e, por esse motivo, as transformações educacionais podem se congregam às inovações, cooperando à serviço da sociedade. Todavia, não há aprendizagem significativa se não houver organização prévia e comprometimento na inserção das novas tecnologias na educação. Faz-se indispensável a capacitação dos professores para a implantação dessas novas tecnologias, a fim de que se efetive a integração das mídias na prática pedagógica, como já sugerem os textos legais (BRASIL, 2018; BRASIL, 2020)

No que toca aos resultados observados na presente prática de ensino efetivada no 8º ano do Ensino Fundamental, na rede privada de ensino, com base, especialmente, nos estudos da obra *Nova Antologia Poética* (2005), de Vinicius de Moraes e de suas parcerias na música, é a possibilidade de aproximação que houve entre o aluno e o texto literário, a significação dos textos e a leitura, tendo em vista que o professor deixou de ser um mero mediador que assinala caminhos e os estudantes passaram à valorização, ao uso e ao deleite da leitura e da escrita (LAJOLO, 2002). Além disso, aguçaram o gosto pela leitura do texto literário, pela MPB, e puderam formar vínculos mais estreitos entre o texto e outros textos, “construindo referências sobre o funcionamento da literatura e entre esta e o conjunto cultural” (BRASIL, 1998, p. 71). Outrossim, houve o trabalho com as TIDCs, o vocabulário, outros tipos de linguagem – verbal e não verbal – e novas ferramentas voltadas ao ensino aprendizagem em sala de aula virtual (neste caso), tanto na escrita quanto na oralidade, inserindo-se os

estudantes em um contexto histórico, social e cultural no qual a linguagem permeia de modos variados, como apontam Orlandi (1999) e Antunes (2009).

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) contempla o uso e a criação de TDICs em diversas práticas sociais, como destaca a competência geral 5:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, P. 9)

Avalia-se que a prática docente precisa despertar nos alunos apreciação pelas atividades pedagógicas realizadas (GERALDI, 1993, 1997). Desse modo, eles serão atraídos pelas ações relacionadas à leitura e à escrita. Assim sendo, pensar o ensino de português, significa pensar em uma realidade que abranja nossos atos cotidianos, tendo em vista que o exercício com a linguagem nos possibilita articular tanto as relações que estabelecemos com o mundo, quanto a visão que construímos a respeito dele (GERALDI, 1993, 1997; FREIRE, 2009). E, neste momento de pandemia, este contato se faz significativo, pois, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2018), as competências socioemocionais têm uma função relacionada à formação ampla enquanto seres humanos e cidadãos, tendo como enfoque a habilidade de educar as emoções. O referido documento usa as premissas socioemocionais para trabalhar as habilidades em todas as disciplinas com base nos conteúdos a serem trabalhados, por exemplo, nas competências gerais da Base é possível verificar o desenvolvimento socioemocional em:

Competência 8: Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
Competência 9: Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Competência 10: Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, 2018)

Ainda que as mudanças sejam desafiadoras, com estudo, planejamento e vontade podemos criar, inovar e realizar uma formação de língua portuguesa com ética e empatia, visando à resolução de conflitos, à cooperação, à reflexão, à motivação e ao posicionamento enquanto agentes de transformações sociais.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. *LDB – Lei nº 9394/96*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein_9394.pdf> Acesso em set. 2020.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. *LDB – Lei nº 9394/96*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Medida Provisória (MP) 934/2020.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva. *Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis*. 2009. 245 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

COLÉGIO ENERGIA-FLORIANÓPOLIS. *Sonetos como Alimentos*. Florianópolis: 8 jul 2020. Instagram: @suaenergia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCZTIICAQnp/>. Acesso em 10 ago 2020.

FERNANDES, Camila. *Conheça a história da música Aquarela, de Toquinho*. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/blog/historia-musica-aquarela/>. Acesso em 25 de junho de 2020, às 20 horas.

FREIRE, Paulo. *A Importância do ato de ler: em três artigos que completam*. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GERALDI, J. W. Da redação à produção de textos. In: CHIAPPINI, L. (Coord.). *Aprender e ensinar com textos – v.1*. São Paulo: Cortez, 1997, p. 17-24. Aprender e ensinar com textos de alunos.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LIBÂNEO, J. C. *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida (Org.). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 13.ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. p. 26.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PEREIRA, Thaís Helena Miguel; MARINHO, Georgia Fabiana Mendes. (orgs). *Livro Integrado 8º ano*. 2ª ed. Fortaleza: Sistema Ari de Sá de Ensino. 2020. Coleção Asas. 332p.

ROJO, R. (Org.). *A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN*. São Paulo: EDUC, Campinas: Mercado de Letras, 2000.

SOARES, Magda Becker. As Condições Sociais da Leitura: uma Reflexão em Contraponto. In *Leitura: Perspectivas Interdisciplinares*. São Paulo. Editora Ática, 2000.

VIGOTSKI, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In:

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (Org.). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1978, p. 57.

VIGOTSKI, L. S. (1930). *The Instrumental Method in Psychology*. Acesso: 09 jun. 2014.
Disponível: Disponível:
<https://www.marxists.org/archive/Vigotski/works/1930/instrumental.htm>.

VIGOTSKI, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. Trad. P. Bezerra.
São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934).

VIGOTSKI, Lev S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

VINICIUS de Moraes. *Nova Antologia Poética*. Seleção e organização CICERO, Antonio;
FERRAZ, Eucanaã. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.